

## A mudança de turnos na sala de aula de língua inglesa

(Turn-taking in EFL classes)

Maria Cristina Faria DALACORTE  
Universidade Federal de Goiás

*ABSTRACT: This study aims at investigating some possible causes for the problems concerning teacher-student(s) interaction in the language classroom. An action research project was developed in a public school in Goiânia, Brazil. The results showed that the changes in the turn-taking system proposed by the researcher have effectively improved teacher-student(s) interaction in the classroom.*

*RESUMO: Este trabalho tem por objetivo investigar possíveis causas dos problemas de interação entre professor e aluno(s) na sala de aula de línguas. Um projeto de pesquisa ação foi desenvolvido numa escola pública de Goiânia. Os resultados mostraram que as mudanças no sistema de tomada de turnos propostas pela pesquisadora efetivamente melhoraram a interação entre professor e aluno(s).*

*KEY WORDS: action research, foreign language learning; conversational analysis.*

## MUDANÇA DE TURNOS

*PALAVRAS-CHAVE: pesquisa ação, aprendizagem de línguas, análise conversacional.*

### INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades encontradas na sala de aula de língua estrangeira em escolas públicas parece ser a interação entre o professor e o(s) aluno(s). Trata-se de um contexto no qual um conjunto de fatores como, por exemplo, a organização das carteiras na sala, a quantidade de alunos por turma, o número de horas dedicados ao ensino da língua, a abordagem de ensino adotada, dentre outros fatores, contribuem para a limitada interação entre o professor e seus alunos. A fim de verificar as possíveis causas destas dificuldades, decidi realizar uma investigação em uma sala de aula do Ensino Fundamental em uma escola pública de Goiânia.

A mudança de turnos na fala da professora participante e dos alunos durante as aulas foi o tema escolhido para ser explorado nesta pesquisa. A escolha deste tema se deve ao fato de, ao observar uma das aulas desta professora, ter detectado que, aparentemente, alguns aspectos relativos à mudança de turnos afetavam o desempenho tanto da professora quanto dos alunos durante a aula, visto que, algumas vezes, ela não parecia ser bem-sucedida na tomada do turno. Assim, este trabalho tem como objetivos principais analisar as tomadas de turno da professora e dos alunos num primeiro momento e, num segundo momento, através de um encontro com a professora no qual são introduzidos e discutidos tópicos relacionados à tomada de turnos em conversações, observar até que ponto os aspectos conversacionais poderiam afetar o desempenho da

## MARIA CRISTINA F. DALACORTE

professora ao interagir com os alunos e, de alguma forma, buscar auxiliá-la em sua prática pedagógica a fim de promover uma melhor interação entre a professora e os alunos e, conseqüentemente, favorecer as situações de aprendizagem. Deste modo, detectado o problema da ocorrência de sobreposições na fala da professora e das diversas tentativas, nem todas bem-sucedidas, de tomar a vez de falar, foi sugerido que a observação das regras que regem a mudança de turnos na conversação poderiam ajudá-la, considerando-se características específicas de uma aula de língua estrangeira.

O método de pesquisa adotado para este trabalho foi a pesquisa-ação, por ser este considerado um método rápido e eficaz, pois visa a mudança de uma situação atual onde foi detectado um problema e tenta solucioná-lo.

### A FALA DO PROFESSOR

De acordo com Sinclair e Brazil (1982, p.23), o que o professor faz em sala de aula inclui:

1. dizer aos alunos o que fazer; informá-los, descrever coisas para os alunos, explicar-lhes processos, funcionamento, etc., demonstrar experimento e efeitos;
2. levar os alunos a fazer coisas; ordená-los e controlá-los, instruí-los em como fazer coisas, organizar os processos de ensino/aprendizagem;
3. levar os alunos a dizer coisas; questionar, e verificar as respostas, estimular vários tipos de

## MUDANÇA DE TURNOS

- fala, envolver os alunos através de seu comprometimento;
4. recompensar os alunos.

Sinclair e Brazil (1982, p. 22-3) dividem o trabalho em sala de aula em três áreas principais de forma que as atividades acima podem ser relacionadas a diferentes aspectos do ensino:

- a. O tópico da aula
- b. A organização da aula
- c. A disciplina

De acordo com os autores, a aula de língua faz mais exigências de recursos lingüísticos disponíveis, já que é normal praticar sentenças na língua-alvo, simular conversações, etc. Nas aulas de língua pode-se escolher qual língua será utilizada em certas situações. Por exemplo, a aula pode ser conduzida na língua materna (as atividades referentes às atividades 'b' e 'c') enquanto que o uso da língua estrangeira é somente feito como prática formal. Em outros casos, a língua estrangeira é usada, na maioria das vezes, quando uma estrutura de dois níveis ocorre: estruturas externa e interna, sendo a estrutura externa um mecanismo que controla e estimula falas na estrutura interna, o que favorece práticas formais na língua estrangeira. Sinclair e Brazil (1982, p. 25) explicam que é possível a ocorrência de várias combinações dos itens.

A MUDANÇA DE TURNOS

Um fato básico da conversação é que os papéis do falante e do ouvinte mudam, e isto ocorre com poucas sobreposições e poucos silêncios. Sacks (MS) citado em Coulthard (1985) explica que “pelo menos um e não mais de um participante fala de cada vez.” Segundo Coulthard (1985, p. 59), podem ocorrer “pequenas sobreposições e pausas, mas trata-se de uma regra que é normativa, isto é, uma regra usada pelos participantes.” Coulthard (1985, p. 60) observa que

uma outra característica da conversação é que a mudança de falantes é recorrente, isto é, ocorre novamente, o que gera o seguinte problema: como atingir a recorrência de falantes e manter a situação na qual pelo menos um e não mais de um falante fala de cada vez?

Sacks (MS), em Coulthard (1985, p. 60), sugere que o falante corrente pode controlar o próximo turno de três formas:

1. Selecionando o próximo falante ao dizer o seu nome ou referindo-se a ele através de uma frase descritiva. No caso de o falante selecionar o próximo falante, ele também, de certa forma, seleciona o tipo de fala ao produzir a primeira parte de um par adjacente. Por exemplo, fazendo uma pergunta, ele constrange o próximo falante a produzir uma resposta.
2. Compelindo, inibindo a próxima fala sem, no entanto, selecionar o próximo falante.

## MUDANÇA DE TURNOS

3. Não selecionado e deixando que algum outro participante continue a conversação através de auto-seleção.

No caso de uma falante não selecionado tomar a vez de um outro falante já selecionado, o direito do falante previamente selecionado é preservado. Segundo Coulthard (1985, p. 61),

é importante observar que as técnicas de seleção operam somente sentença após sentença, e que não há nenhum mecanismo na conversação que permita ao falante corrente selecionar o falante que falará após o próximo falante. A escolha do próximo falante é sempre do falante corrente, a não ser em situações de fala formais como, por exemplo, as que acontecem em sala de aula, discussões, etc. Nestes casos, um dos falantes que possui autoridade, seleciona os falantes de várias sentenças sucessivas.

Estas opções citadas acima explicam como o próximo falante é selecionado, mas elas não explicam como o próximo falante sabe que o falante corrente terminou sua fala e que ele pode começar a falar. Sacks (MS) em Coulthard (1985, p.61) observa que

de fato, o próximo falante não sabe quando uma sentença está completa, pois não se pode ter certeza de que uma sentença está terminada, é sempre possível acrescentar algo ao que se diz. Resta aos próximos falantes observarem os pontos de possível completude.

Isto requer dos falantes a habilidade de reconhecer tais pontos de completude na fala dos falantes correntes e logo em seguida tomar a vez e produzir algo relevante.

De acordo com Jefferson (1973), o próximo falante pode selecionar o ponto preciso para tomar a sua vez completando a fala (completa ou incompleta) do falante corrente, ou prevendo o final da sentença tentando dizer a mesma coisa ao mesmo tempo. Apesar disto, ainda ocorrem sobreposições não intencionais devido à auto-seleção.

O silêncio pode ocorrer entre os turnos, o que também gera um problema. Os participantes consideram que o silêncio é atribuído a um próximo falante já escolhido. Para Coulthard (1985), há pouca tolerância com o silêncio entre os turnos, e nestes casos, o falante anterior pode produzir um *post-completor*<sup>1</sup> ou repetir o que disse. A fim de evitar estas situações, os falantes que ainda não formularam o que dirão produzem sons como *er* ou *mm* ou então respiram profundamente.

Sacks et al. (1974) distinguem diferentes sistemas de mudança de fala de acordo com a organização da mudança de turnos. Enquanto que em conversações os turnos são alocados um de cada vez, em outros sistemas pode haver uma pré-alocação de turnos. Em um sistema onde pode ocorrer pré-alocação de turnos, não há interrupções, e os turnos tendem a ser mais longos onde as sentenças estão interligadas. Já em um sistema de alocação turno após turno há grande pressão dos outros participantes que querem falar e cada turno constitui-se de apenas uma sentença.

Várias técnicas estão à disposição dos falantes que querem continuar a falar: ele pode usar um *utterance in-completor*, como por exemplo, *but* and *however*, ou pré-

---

<sup>1</sup>Um *pos-completor*, segundo Coulthard (1985, p. 63), pode ser “uma pergunta, chamando a atenção para a ocorrência do silêncio como, por exemplo, ‘você não me ouviu?’ ou a repetição do que foi dito.”

## MUDANÇA DE TURNOS

estruturar uma sentença mais longa usando *I'd like to make two points* ou *firstly*. Coulthard (1985, p. 64) diz que, no entanto,

nenhum destes recursos podem garantir que o falante manterá a vez de falar, mas eles fazem com que o outro falante que quiser tomar a vez de falar seja reconhecido como alguém querendo interromper. Em geral, os falantes rejeitam interrupções, e se não querem abandonar a vez de falar, falam mais alto e rápido, e podem fazer uma referência à interrupção.

Com relação a um não-falante que queira falar, mas que não encontra oportunidade, Coulthard (1985, p. 65) explica que ele “pode simplesmente interromper o falante corrente, apesar de ser considerado rude. Ele também pode indicar que quer falar repetindo pequenas sentenças.”

No caso de um falante a quem é oferecida vez de falar e que não queira falar, Coulthard (1985, p. 65) diz que ele

pode simplesmente permanecer calado até que o falante continue ou pode produzir uma resposta mínima para confirmar, concordar ou expressar interesse. Ele pode ainda produzir sinais de possível pré-fechamento, como, por exemplo, *okay* ou *so*, e indicar que não tem mais nada a acrescentar e que quer fechar o tópico.

Segundo Coulthard (1985), além de evidências gramaticais e semânticas para explicar e descrever mudanças de falantes, há também evidências paralingüísticas como gestos, por exemplo.

MARIA CRISTINA F. DALACORTE

METODOLOGIA DE PESQUISA ADOTADA

*A pesquisa ação*

A metodologia de pesquisa adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa-ação. A pesquisa-ação é definida por Thiollent (1994, p. 14) como

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Segundo Thiollent (1994), a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica de pesquisa que envolve a interação dos pesquisadores e participantes, e desta interação surgem os problemas a serem investigados. A pesquisa-ação tem como objetivo resolver ou pelo menos esclarecer os problemas da situação observada. Durante o processo haverá um acompanhamento das ações dos participantes. Finalmente, a pesquisa busca aumentar o conhecimento não só dos pesquisadores mas também dos participantes.

A pesquisa-ação tem objetivos práticos e objetivos de conhecimento. O objetivo prático envolve a busca de soluções para os problemas detectados e “propostas de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente na sua atividade transformadora da situação” (Thiollent, 1994, p. 18). O objetivo de conhecimento procura “obter informações que seriam de difícil acesso por meio de ou-

## MUDANÇA DE TURNOS

tros procedimentos, (e) aumentar nosso conhecimento de determinadas situações” (Thiollent, 1994, p. 18).

A delimitação do campo de ação em uma pesquisa-ação é variável. Quando o campo de ação é grande, deve-se considerar a representatividade qualitativa: “uma representação de ordem cognitiva, sociológica e politicamente fundamentada, com possível controle ou retificação de suas distorções no decorrer da investigação” (Thiollent, 1994, p. 65).

Na pesquisa-ação, a coleta de dados é feita pelos pesquisadores e observadores através de técnicas selecionadas de acordo com as características da pesquisa efetuada.

### *O contexto de sala de aula*

Os dados para esta pesquisa foram coletados em uma sala de aula do Ensino Público Fundamental na cidade de Goiânia. Após um primeiro contato feito com a professora, esta se colocou à disposição da pesquisadora para atuar como participante. O assunto abordado pelo trabalho foi apenas mencionado no primeiro encontro e então uma primeira observação foi marcada. Somente a partir deste primeiro contato, foi delimitado o tema desta pesquisa, ou seja, somente após observar uma aula, pude detectar que a mudança de turnos era um dos aspectos da aula que mais se destacava.

O desenvolvimento da pesquisa então foi elaborado seguindo os pressupostos da pesquisa-ação. Primeiramente, uma aula foi gravada e analisada sob o ponto de vista da tomada de turnos. Nessa fase, a professora não teve contato com os preceitos teóricos relacionados com o tópico investigado. A partir da análise dos dados, foi marcado

MARIA CRISTINA F. DALACORTE

um encontro com a professora no qual ela entrou em contato com a teoria da análise da conversação com enfoque na mudança de turnos.

Para o encontro com a professora, os procedimentos a seguir foram adotados:

1. ouvir a fita da gravação da primeira aula juntamente com a professora participante;
2. pedir para que a professora participante fizesse algumas considerações sobre a aula relativamente à mudança de turnos;
3. observar as ocasiões em que a tentativa de tomar a vez de falar foi bem-sucedida e as ocasiões em que a tentativa não foi bem-sucedida;
4. fazer um levantamento de possíveis fatores que contribuíram para a ocorrência das tentativas bem-sucedidas;
5. propor à professora que sistematizasse estes fatores e tentasse utilizar as mesmas estratégias conversacionais na próxima aula;
6. observar em seguida os tipos de sobreposições ocorridas, já que eles poderiam ser tentativas de contribuição para a aula e não uma forma de interrupção;
7. observar ainda em que aspectos da aula as sobreposições ocorreram com maior frequência e tentar descobrir porquê;
8. tentar colocar em prática técnicas de sala de aula que pudessem minimizar a ocorrência destas sobreposições nas diferentes situações da aula.

Uma outra aula foi gravada e analisada posteriormente para observar se houve alguma mudança por parte

## MUDANÇA DE TURNOS

da professora com relação ao tema discutido no encontro e verificar se, caso alguma mudança tivesse ocorrido, esta foi favorável.

## RESULTADOS

### *Resultados da análise da aula anterior ao seminário*

De acordo com os dados coletados, pude observar que a aula foi bem-sucedida na medida em que a professora conseguiu atingir seus objetivos iniciais, isto é, revisar os números. Com relação ao item a ser analisado, ou seja, a mudança de turnos na fala da professora e dos alunos, notou-se a grande ocorrência de sobreposições na fala da professora causados por tentativas de mudança de turnos por parte dos alunos. Como a tomada de turno na aula pode ser controlada pelo professor, verificamos que havia por parte dos alunos uma observância até certo ponto deste fato. Apesar disto, as sobreposições ocorreram. Aparentemente, estas ocorreram devido ao seguinte fator: a não observância da regra de mudança de turnos por parte dos alunos. Sabemos que a aula de língua estrangeira apresenta alguns aspectos relacionados ao que o professor faz em sala de aula. Observou-se que as sobreposições ocorreram em algumas situações mais do que em outras, ou seja, as ocorrências das combinações citadas por Sinclair e Brazil (1982), como nos exemplos a seguir:

*Combinação do tipo 1a (dizer aos aluno o que fizer/tópico da aula)*

*Exemplo 1:*

P<sup>2</sup> Nós vamos até a dezena do trinta, né

*Combinação do tipo 1b (dizer aos aluno o que fazer/organização da aula)*

*Exemplo 2:*

P Antes de corrigir o exercício -<sup>3</sup>

P Né? Então agora a gente vai revisar os números -

P Eu vou passar -

P Abram os livros, por -

P Eu vou perguntar -

P Mas, antes da gente começar no livro, né, de vocês voltarem a seguir, eu vou revisar -

P Então vou mostrar -

---

<sup>2</sup> P corresponde à professora; A, um aluno; AS, vários alunos falando ao mesmo tempo

<sup>3</sup> As seguintes convenções foram utilizadas para a transcrição dos dados:

... indica pausas longas

(...) indica pausas curtas

/?/ indica que a transcrição é impossível

- um hífen após uma palavra ou parte de uma palavra indica interrupção ou auto-interrupção

/ / palavras entre barras indicam que a transcrição é incerta

--> uma seta indica que a fala está sendo analisada

[ ] são usados para comentários sobre a qualidade da fala e explicações sobre o contexto

chaves entre as linhas indicam sobreposições,

[

ou seja, duas pessoas falando ao mesmo tempo

## MUDANÇA DE TURNOS

P Agora eu vou perguntar ao colega de vocês sobre o número de vocês -

*Combinação do tipo 2a (levar os alunos a fazer coisas/tópico da aula)*

*Exemplo 3:*

P É o número de alunos que a gente tem aqui na sala, são 36 -

*Combinação do tipo 2b (levar os alunos a fazer coisas/organização da aula)*

*Exemplo 4:*

P Eu vou chegar até aí -

P Pelo que eu estou vendo -

P ainda não passei -

*Combinação do tipo 2c (levar os alunos a fazer coisas/disciplina)*

*Exemplo 5:*

P Vamos parar para ouvir o que eu tenho a dizer -

P...um momentinho só, deixa eu falar e depois vocês falam, OK?

P Gente, oh! Um momentinho! Vocês -

P Será que eu posso -

P Por favor -

P Pay attention -

*Combinação do tipo 3a (levar os alunos a dizer coisas/tópico da aula)*

*Exemplo 6:*

P What's your class -

P Is her class number 22 -

Os exemplos anteriores demonstram que as sobreposições ocorreram principalmente quando a professora estava tentando organizar a aula ou controlar a disciplina. Por outro lado, nas mesmas situações, a professora foi bem-sucedida na tomada do turno. Nestes momentos, nota-se a utilização de estratégias como o silêncio por parte da professora ou a pré-estruturação de sua fala. A entonação também é usada como recurso pela professora para tomar a vez de falar, além de outros recursos com 'palmas' ou sons como 'pssiu'.

Ao analisar o que é feito na aula, verificou-se que os momentos em que a professora controlava a organização e a disciplina pareciam ser aqueles em que mais ocorriam sobreposições, enquanto que nos momentos em que ela falava, controlava e estimulava o conteúdo, não ocorreram sobreposições com tanta frequência. Isto significa que os alunos obedeciam às regras de mudança de turno quando o tópico da aula era interessante para eles, já que demonstravam uma grande vontade de participar e dizer o seu número.

Deve-se observar que ao trabalhar com o conteúdo, a professora produzia principalmente a primeira parte de um par adjacente, o que requeria dos alunos a atenção para a produção correta da segunda parte do par adjacente, enquanto que, ao controlar a organização da aula e a disciplina, ela geralmente não produzia as primeiras partes dos pares adjacentes, conseqüentemente, não exigindo dos alunos a atenção para a produção correta das segundas partes dos pares adjacentes. Assim, os alunos não precisa-

## MUDANÇA DE TURNOS

vam estar totalmente atentos ao que estava sendo dito. Deste modo, as sobreposições ocorreram com maior frequência. Isto nos mostrou que a diminuição de turnos da professora durante as partes da aula em que ela precisava controlar a organização e a disciplina da aula poderiam reduzir o número de sobreposições, pois maior tempo seria direcionado para tratar do conteúdo. Uma forma de diminuir o número de turnos com ocorrência de sobreposições nesta fase seria o uso de estratégias utilizadas pela professora que foram bem-sucedidas durante a aula como, por exemplo, parar e demonstrar que estava esperando silêncio, ou pré-estruturar o que iria dizer, além de mencionar as regras de mudança de turno.

Com relação à ocorrência de sobreposições quando a professora trabalhava o conteúdo, constatamos que tratavam-se de tentativas de contribuição por parte dos alunos relacionadas ao conteúdo ministrado, já que todos queriam participar. Uma sugestão seria trabalhar em grupos e não centralizar a fala na professora. Isto reduziria o número de turnos da professora e permitiria a todos terem a oportunidade de falar, sendo que professora apenas monitoraria os grupos.

### *Resultados da análise da aula posterior ao seminário*

A análise da segunda aula revelou algumas mudanças significativas na fala da professora e na dos alunos. Antes de iniciar os comentários sobre a aula, gostaria de observar alguns fatores que pareceram ter influenciado o andamento da aula e que podem ter contribuído para estas mudanças: esta era a primeira aula do dia, e teve início às sete e meia da manhã, diferentemente da primeira aula gravada, que foi no final da manhã. Nesta aula, os alunos

pareciam estar ainda um pouco sonolentos, e por isto menos agitados; além disso, já tinham feito a prova de Inglês na semana anterior, sendo aquela a última semana de aula antes das férias de julho.

A segunda aula gravada foi a apresentação de uma nova unidade, mas que tratava de um assunto conhecido pelos alunos: as cores. Para introduzir o tópico da lição, a professora trouxe *realia* para a sala de aula, o que atraiu a atenção dos alunos. Podemos resumir os passos seguidos pela professora nesta aula da seguinte forma: ela fez uma atividade inicial para revisar as cores conhecidas, introduziu a lição e fez prática utilizando exercícios de repetição.

Relativamente à mudança de turnos, observou-se uma redução de sobreposições se compararmos esta aula com a primeira. Acredito que um dos fatores que contribuíram para este fato foi o interesse da professora pelo assunto da pesquisa o que, conseqüentemente, gerou mudanças na sua atitude em sala de aula. Desta forma, apesar do pouco tempo para assimilar as leituras feitas, ela buscou aplicar algumas estratégias em sala para tentar mudar a situação anterior.

De fato, ela utilizou diferentes estratégias ao longo da aula. Por exemplo, ela reduziu grandemente o número de turnos utilizados para dar instruções aos alunos. Assim, quando as instruções eram dadas, ela esperava silêncio ou aumentava o tom de voz para que os alunos percebessem que era sua vez de falar. O resultado disto foi que, sempre que ela elevava o tom de voz ou esperava o silêncio, os alunos ficavam calados e a instrução era dada uma vez só, na maioria dos casos. A redução do número de instruções foi bastante proveitosa pois, ela já iniciava a atividade com a demonstração de um modelo, o que, de certa forma, facilitou a compreensão da atividade. Sendo assim, as so-

## MUDANÇA DE TURNOS

breposições que ocorriam na primeira aula, quando a professora tentava organizar a aula, ocorreram com menor freqüência na segunda:

Exemplo 7:

P This is a pencil case.  
[  
AS Case.  
P This is a pencil case. It's red. it's red.  
[  
A Ah, ah.  
P What color is it?

Com relação à organização da disciplina, observou-se que as sobreposições foram quase inexistentes, pois a professora modificou suas estratégias ao tentar controlar a disciplina. Neste caso, ela praticamente eliminou os turnos em que chamava a atenção dos alunos ou pedia silêncio. Ela passou a recorrer a estratégias como ficar em silêncio e esperar que os alunos se acalmassem ou chamar a atenção deles para um tópico interessante, mudando a atividade anterior, estratégias estas que funcionaram na maioria das vezes. Por exemplo,

*Exemplo 8:*

P Atenção /?/  
[a professora eleva o tom de voz ]

*Exemplo 9:*

P Rodrigo, Rodrigo, /?/  
P This is a pencil case.  
[  
AS case.

*Exemplo 10:*

- P Pessoal?  
[ a professora pára e espera silêncio ]  
P Posso falar /?/? (...) It's red.

Quanto à mudança de turnos quando a professora estava trabalhando com o conteúdo da aula, turnos estes que nesta segunda aula foram praticamente predominantes, as sobreposições ocorreram também com menor frequência do que na primeira aula, e quando ocorriam, eram de natureza diferente. Aqui, gostaria de introduzir o conceito de sobreposições cooperativas sugerido por Tannen (1996, p. 60). Este tipo de sobreposição ocorre quando o participante que produz a sobreposição está tentando contribuir com o outro falante corrente, isto é, ele está tentando ser solidário. Desta forma, as sobreposições assinaladas na segunda aula quando o conteúdo estava sendo trabalhado foram principalmente cooperativas. É interessante notar que até a própria professora produziu estes tipos de sobreposições, como mostram os exemplos a seguir:

*Exemplo 11:*

- P This is a pencil case.  
[  
AS Case.

*Exemplo 12:*

- P It's... red.  
[  
AS Red.

*Exemplo 13:*

- P It's brown, OK? brown.  
[

## MUDANÇA DE TURNOS

AS                      Brown.

*Exemplo 14:*

AS Red.

[

P red, OK?

Apesar de ter ocorrido uma redução de sobreposições nesta segunda aula devido às modificações por parte da professora com relação à mudança de turnos, ainda ocorreram sobreposições em situações em que todos os alunos queriam participar da atividade. Acredito que uma possível solução para tal seria o trabalho em grupo, como mencionado anteriormente. Assim, todos teriam a oportunidade de falar e seriam apenas monitorados pela professora.

## CONCLUSÃO

A primeira aula observada revelou um problema de mudança de turnos neste contexto. Através da gravação e posterior transcrição e análise dos dados desta primeira aula, foi possível detectar em que situações as sobreposições ocorriam com maior frequência e então partir para uma tentativa de solucionar o problema através do encontro com a professora. Neste encontro, foram colocados estes problemas e indicadas algumas leituras selecionadas sobre o assunto. A segunda aula observada após o encontro demonstrou algumas mudanças significativas na fala da professora que afetaram diretamente a mudança de turnos com relação à ocorrência sobreposições. Aparentemente, os resultados do encontro foram bastante proveitosos.

MARIA CRISTINA F. DALACORTE

Acredito que as duas aulas observadas, apesar de serem amostras que apenas ilustram uma situação, revelaram um problema e uma tentativa de solução deste problema. Neste caso, um encontro apenas e as leituras orientadas feitas pela professora juntamente com o seu interesse em melhorar sua prática demonstraram que a mudança de turnos durante as aulas deve ser um fator a ser considerado ao se buscar melhores resultados quanto ao desempenho e rendimento dos alunos na sala de aula.

Finalmente, gostaria de observar a importância deste tipo de pesquisa para a prática do professor. O desenvolvimento da pesquisa-ação só tem a contribuir para o desempenho tanto do professor quanto dos alunos, levando-se em consideração, é claro, as condições necessárias para a obtenção de resultados significativos e efetivos.

REFERÊNCIAS

- BRAZIL, D. SINCLAIR, J.M. *Teacher Talk*. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- COULTHARD, M. *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Longman, 1985.
- JEFFERSON, G. A case of precision timing in ordinary conversation: overlapped tag-positioned address terms in closing sequences. *Semiotica*, 1973, n. 3/2, p. 1881-199.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking system for conversation. *Language*, 1974. n. 50/4, p. 6966-735.
- TANNEN, D. *Gender and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1994 .